

*Dossier: Espacios de arte y patrimonio. Territorios en diálogo entre lo local y lo regional*

## **Paisagem patrimonial artística: construções e projeções da translaticidade no Brasil**

Jacquicilane Honorio de Aguiar<sup>1\*</sup> Christian Dennys Monteiro de Oliveira<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Ceará.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará.

\* E-mail: [jacquicilane@gmail.com](mailto:jacquicilane@gmail.com) - [cdennys@gmail.com](mailto:cdennys@gmail.com)

Recibido: 1/7/2020; Aceptado: 20/8/2020; Publicado: 15/12/2020

### **Resumo**

Busca-se refletir sobre a latinidade no Brasil a partir da perspectiva cultural, constituinte de uma paisagem patrimonial artística. Considera-se a possibilidade da fabricação dessa latinidade através de ações político-culturais, apesar do esforço por uma integração que rompa barreiras econômicas. Tais ações são visualizadas nas instituições edificadas/patrimonializadas que promovem o patrimônio latino, como o Memorial da América Latina, com projeção nacional limitada, fragilizando as alteridades. A investigação procura construir uma problematização dessa latinidade no Brasil e na região Nordeste através da linguagem artística, diante do potencial nordestino enquanto formador cultural, colaborando no entendimento das alteridentidades. Tal relação pode ser vista nas representações festivas que demarcam devoções religiosas, nas teatralizações carnavalescas, bem como na produção musical que condensa múltiplas influências. A tentativa dessa interrelação colabora na assimilação de construções de latinidade menos artificiais, que caminhem na articulação de uma translaticidade.

**Palavras chave:** Brasil; Latinidade; Patrimônio; Região Nordeste; Translaticidade.

### **Artistic patrimonial landscape: translaticity constructions and projects in Brazil**

#### **Abstract**

The aim is to reflect on Latinity in Brazil from the cultural perspective, which is part of an artistic patrimony landscape. The possibility of manufacturing this Latinity through political and cultural actions is considered, despite the effort for an integration that breaks down economic barriers. Such actions are visualized in the built/patrimonialized institutions that promote the Latin patrimony, such as the Memorial of Latin America, with limited national projection, weakening the otherness. The research seeks to build a problematization of this Latinity in Brazil and in the Northeast region based on languages, in the face of the northeastern potential as a cultural trainer, collaborating in the understanding of the alteridentities. Such relationship can be seen in the festive representations that demarcate religious devotions, in carnival theaters, as well as in the musical production that condenses multiple influences. The attempt of this interrelationship collaborates in the assimilation of less artificial constructions of Latinity, which walk in the articulation of a translaticity.

**Keywords:** Brazil; Latinity; Patrimony; Northeast region; Translaticity.

## 1. Introdução

As discussões centradas nos estudos sobre a integração da América Latina não são recentes, e perpassam por questões desde o campo político até o educacional. As extrapolações dessas reflexões através da Abordagem Cultural em Geografia na presente pesquisa contribuem na experimentação dos elementos patrimoniais e artísticos constitutivos da latinidade e da paisagem simbólica latino-americana no Brasil, promotora de alteridades. Definimos como direção metodológica uma leitura da paisagem diante da possibilidade de explorar habilidades interpretativas, como sugere Cosgrove (2012) por meio de outros olhares, seja na poesia, nos filmes, e nas expressões artísticas em geral. Daí a adjetivação dessa paisagem patrimonial enquanto artística, pois pensar os elementos que compõem uma paisagem enquanto texto nos oferece a “possibilidade de leituras diferentes, simultâneas e igualmente válidas” (Cosgrove, 2012, p 224). Assim, buscar os desdobramentos e representações da latinidade construídas no Brasil se faz importante diante da possibilidade de pensarmos nas relações alteridentitárias com as identidades regionais brasileiras.

Considera-se, portanto, marcadores identitários múltiplos, tendo em vista que os processos de identidade vem sendo cada vez mais transterritoriais e multilinguísticos (Canline, 1958). É necessário ponderar que a construção desse entendimento não desconsidera a influência dos fatores políticos sociais, determinantes principalmente no contexto da América Latina, presentes em todo seu processo de formação histórico cultural.

Essas representações simbólicas da paisagem, que se pretende abordar na pesquisa, modificam-se diante do contexto cultural e das reelaborações próprias da dinâmica do patrimônio. Esse processo é permeado pela memória, e pode ser visualizado nas múltiplas demarcações tanto em elementos concretos, como museus, centros de cultura ou monumentos; como nos imateriais, que perpassam festas, ritos, celebrações, dentre outros. Essa dimensão materializada se faz importante à medida que as reflexões revelam a importância da associação dos acontecimentos a lugares de referência como apoio a memória que falha, como uma luta contra o esquecimento (Ricoeur, 2007). Da mesma forma, se faz necessário considerar que na dinâmica do patrimônio imaterial a construção dessa paisagem envolve relações mais dinâmicas e fluidas, diante da motricidade dos sujeitos. Logo, as ponderações de Ricoeur (2007) nos revelam a importância do corpo enquanto elo entre a memória corporal e a memória dos lugares. Essa interação entre “memória corporal” e a “memória dos lugares” evidenciada pelo autor é potencialmente criadora dos signos inscritos na paisagem. A primeira diz respeito as lembranças dos sujeitos, afetadas consequentemente pelo distanciamento temporal do acontecimento recordado. Já o segundo diz respeito aos lugares de referência, abordados em sua obra como “lugares de memória”, que permanecem enquanto inscrições ou documentos materializados no espaço geográfico.

Esse processo de inscrições de signos na paisagem proporciona explorações, reproduções e experimentações dos elementos que constituem a cultura (Duncan, 2004). A interação desses elementos pode ocorrer através de diferentes possibilidades, dentre as quais consideramos a linguagem como a mais rica em suas múltiplas ramificações, por sua capacidade em estabelecer comunicação em diversos níveis, expressando ideias e experiências. Esse potencial tem influência direta em algumas abordagens que consideram a paisagem enquanto texto, onde se considera a sua modificação pelo tempo, bem como seu entendimento de acordo com a perspectiva do leitor (Duncan, 2004). Diante desse celeiro ofertado, além da escolha pela linguagem como espectro a ser explorado para entendimento de uma paisagem latina no Brasil, optamos por fazer essa leitura pela perspectiva das artes para desenvolvimento dessa reflexão, frente ao papel fundamental dos sujeitos na articulação cultural artísticas, seja na musicalidade, representações visuais, dentre outras.

Essa potencialidade da linguagem nos interessa à medida que buscamos a compreensão da latinidade. Todavia é necessário questionar em que consiste a latinidade, seja enquanto

enquadramento territorial regional; patrimônio construído das práticas culturais; ou mesmo enquanto identidade unificadora, nas buscas ideais de integração dos povos da América Latina. Lemos (2006) traz a necessidade de caracterizar esse imaginário latino-americano “afirmado na linguagem e na história que se expressa na formação de uma região, e que materializa os elementos comuns e diferentes, sem negar as particularidades nacionais”. (Lemos, 2006, p 30). O questionamento da autora nos é pertinente diante das “particularidades” enfatizadas nesse processo de formação do imaginário latino, visto que a pesquisa ainda em andamento tem como objetivo refletir sobre a construção da latinidade no Brasil. Para tanto, inicialmente é explorado a dimensão materializada desse patrimônio latino no Brasil a nível nacional, tendo como referência o Memorial da América Latina, localizado em São Paulo. Posteriormente, refletiremos sobre as possibilidades de exploração dessa latinidade através das articulações culturais artísticas de forma regional, principalmente no Nordeste.

Dentre os questionamentos, nos interessa pensar em como estabelecer um elo no nível das nacionalidades em torno da latinidade sem desconsiderar as regionalidades? como refletir sobre uma paisagem patrimonial artística considerando a mobilidade, assim como Hiernaux, (2006) para além das limitações espaço-temporais? Tais questionamentos podem dar vazão a um patrimônio fluido que se transmuta, formando emaranhados que se fundem, forjando múltiplas representações. Essa fluidez do patrimônio pode ser encontrada nos estudos de Turgeon (2014), o qual infere que “considerado em sua dinâmica relacional, o patrimônio tem uma característica plural e dinâmica. Ele pode ter vários significados, mudar de direção com o tempo e ser compartilhado por vários grupos” (Turgeon, 2014, p. 72).

As indagações são disparadores que nos instigam a apreender os desdobramentos e implicações da latinidade diante da especulação de sua fabricação no Brasil, perpassando ações político-culturais estabelecidas de forma restrita e reduzida, uma espécie de cota mínima, impossibilitando uma integração que rompa barreiras econômicas em direção a uma integração cultural. A constituição dessa latinidade evoca, além de ações político-culturais, um território que também possui em seu processo de formação enfrentamentos que modelaram sua construção histórica, econômica e populacional como um todo.

## **2. Integração latino-americana e projeções da Latinidade**

A busca pela compreensão da latinidade envolve as discussões em torno da necessidade de um projeto de integração entre os países da América Latina, diante dos prejuízos históricos deixados no processo de colonização. Tal integração seria o fator vital para seu desenvolvimento enquanto nação (Memorial da América Latina, 1990), promovendo ações no campo político com intenção de unificações por meio da criação de blocos regionais, espelhando-se nos movimentos de integração da União Europeia, que se consolidou frente ao novo contexto político, econômico e cultural das nações. Entretanto, as ações que perpassavam as questões culturais ficaram em segundo plano, e não se deram efetivamente na prática, seja pelos impedimentos da língua, pelas diferenciações no processo de colonização espanhola e portuguesa, ou pelo próprio esforço em demarcar as nacionalidades, em decorrência dos processos de independência de cada país.

Sobre essa relação estabelecidas pelos países para seu desenvolvimento social, Sousa (2012) conjecturou que quanto maior fosse a inserção subordinada da América Latina no contexto da economia mundial, menores seriam suas possibilidades de integração. Isso fortalece a ideia de que as independências que ocorreram, em certa medida, geraram novas dependências internas e externas diante das desigualdades sociais, que fragilizam uma unificação para além das questões econômicas e políticas, avançando para a esfera cultural e educacional.

Dessa forma, podemos considerar, assim como Quental (2012), que a construção do conceito de América Latina, apesar de a princípio evocar uma demarcação geográfica nas regionalizações dos continentes, também foi de certa maneira “formulado e acionado como estratégia de controle e demarcação de formas particulares de se compreender e dizer o que é mundo” (Quental, 2012, p. 50). Isso porque além da delimitação territorial, os processos de demarcação identitária na busca de diferenciação das “Américas” também aparecem, diante da necessidade de reafirmação do que seria a América do Norte em ascensão crescente, frente a essa outra América mestiça e periférica, uma espécie de contraconceito (Feres Jr, 2003), o que aciona mais uma vez uma agressão a latinidade, colocando-a enquanto subalterna.

Lemos (2006), refletindo sobre a identificação do latino-americano, chama atenção para essa condição socioespacial comum no processo de formação civilizatória da América Latina, bem como Darcy Ribeiro (2010). Ao questionar os fatores de diversificação e unificação da América Latina, o autor afirma que:

“o motor de integração que operou, e ainda opera na América Latina, forjando sua uniformidade cultural e prometendo concretizar amanhã sua unidade sociopolítica e econômica, reside no fato de sermos o produto de um mesmo processo civilizatório (...) Frente a esta unidade essencial do processo civilizatório e de seus agentes históricos - os ibéricos -, as outras matrizes aparecem como fatores de diferenciação.” (Darcy Ribeiro, 2010, p 43)

Essa influência das questões socioespaciais e econômicas tem como um ponto interessante a convivência alternada das homogeneizações ibéricas com as particularidades dos povos indígenas e afrodescendentes. A língua, por exemplo, será um desses dos elementos fruto do processo de homogeneização/diferenciação. A predominância do espanhol em vários países da América Latina em contraponto ao português adotado no Brasil é uma das singularidades usadas para justificar a dificuldade dos brasileiros em identificarem-se como latino-americanos.

Esses elementos e suas demarcações vão evidenciando, de forma fragmentada, os indicadores que compõem essa Latinidade. Na conformação dessa América Latina diversa e plural, o Brasil possui maior unidade territorial, e conseqüentemente uma articulação político-econômica fortalecida no seu protagonismo nas negociações com seus países vizinhos. Isso é reafirmado na década de 80 na nova constituição, onde o Brasil deixa registrado seu interesse e compromisso em estreitar laços com os demais países latino-americanos (Martins, 2016). Na seqüência, se faz necessário refletir sobre as negociações simbólicas no nível cultural promovidas para uma integração para além da colaboração econômica, buscando também o reconhecimento da cultura e das manifestações latino-americanas, o que mais tarde resultaria na criação da Fundação Memorial da América Latina - FMAL.

### *2.1 Construindo laços latino-americano na FMAL*

O Memorial da América Latina, construído em São Paulo e idealizado em parceria por Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer, compôs uma iniciativa brasileira para incentivo a integração cultural, promovendo, para além da irradiação da cultura latina, o seu reconhecimento pelos brasileiros por meio desse espaço. Isso tornaria possível a convivência da população da cidade com elementos “genuinamente” latinos, integrando-se ao dia-a-dia do espaço urbano de São Paulo. A idealização dessa construção alinhou-se a uma nova perspectiva do que seria a “América Latina” e sua relação com o Brasil, daí a necessidade desse espaço simbólico enquanto representação dessa integração. Essa noção de “América Latina” adotada também faz parte de

“esforços intelectuais de buscar-se fazer conexões, entre países, culturas e povos. Pensado assim, podemos entendê-la como uma ação humana no sentido do seu

desenvolvimento. Como toda ação humana, está sujeita - porém não determinada - a um contexto histórico.” (Martins, 2016, p 53)

No contexto colocado por Martins (2016), o memorial constitui-se como centro de cultura polivalente onde há uma preocupação com a representação da memória e da identidade latino-americana, onde se celebra principalmente a memória das classes subalternas, considerando as classes populares como coluna vertebral da conquista e formação dos povos da América Latina (Ribeiro, 1990). O espaço se constitui para Darcy Ribeiro (1990) como referência para os povos brasileiros no auxílio do entendimento dessa latinidade por meio da arte e da educação. Isso pode ser exemplificado na atualidade na imagem abaixo, onde vemos na exposição a representação religiosa das padroeiras dos países da América Latina, as quais inclusive possuem muitas semelhanças em seus aspectos nas ritualizações festivos, religiosas e campesinas.

**Figura 1** - Exposição do altar com as padroeiras da América Latina na FMAL



Fonte: Carine Santos, 2020. Fundação Memorial da América Latina.

Apesar da representatividade cultural da FMAL no centro da efervescente metrópole paulistana, lugar de intenso fluxo migratório de diferentes nacionalidades, é necessário considerar seu alcance enquanto projeção nacional da latinidade. Isso porque quando estendemos a reflexão a nível de regiões ou estados, há um desconhecimento sobre o que seria a FMAL, limitando sua irradiação cultural/identitária, o que poderia sugerir uma fabricação dessa projeção não aderida na prática, já que ela acaba sendo locacional, e não nacional. Além disso, se faz necessário considerar que

“a construção e o tombamento do Memorial da América Latina nos faz pensar sobre sua relação com a mercantilização da cultura no espaço urbano, cuja ação de valorização está

ligada diretamente a empreendimentos financeiros como o mercado imobiliário e turístico.” (Martins, 2016, p 92)

Tal reflexão evidencia o grande investimento para reabilitação de áreas onde há um interesse cultural na sua revitalização para que sua degradação seja contornada, o que traz à tona uma relação conflituosa que se dá tanto na dinâmica do espaço urbano como também na promoção das lutas dos povos latino americanos, e não apenas das elites políticas-econômicas. (Martins, 2016). Para além desse processo de apropriação do equipamento cultural como centro agregador e promotor de sociabilidades latino-americanas, ocorrem também os processos de reafirmação das identidades culturais, onde podemos ver a capacidade do patrimônio imaterial enquanto “uma poderosa forma de mostrar e de afirmar a existência de grupos” (Turgeon, 2014, p 73).

As visitas de campo realizadas em 2019 ao equipamento cultural nos auxiliaram no entendimento mínimo da dinâmica da instituição no contexto atual, e na percepção dos fluxos patrimoniais que compõem as paisagens patrimoniais do Memorial. Foi possível perceber que as manifestações bolivianas são recorrentes, com festividades que vão desde manifestações carnavalescas a festas cívicas e religiosas, a qual iremos nos deter nesta explanação. Esse destaque das manifestações culturais bolivianas relaciona-se a sua grande projeção, frente ao aumento crescente de imigrantes bolivianos para a cidade de São Paulo desde os anos noventa. Isso foi mais aprofundado pela investigação desenvolvida por Oliveira (2014), que identifica com base nos dados do IBGE pelo menos 21.680 bolivianos residentes em São Paulo, que migraram influenciados pelo processo gradativo de substituição da mão de obra coreana pela boliviana nos ramos de confecção, comércio e serviços. A pesquisadora chama atenção também para a segunda geração de migrantes (filhos daqueles que já migraram), que já nasceram inseridos no contexto da cidade paulistana, distante de suas origens culturais, fortalecendo a necessidade do reconhecimento e manutenção das identidades bolivianas por meio dos ritos culturais.

O trabalho de campo ao memorial também possibilitou o acesso aos arquivos da Biblioteca Latino Americana, onde foi possível verificar a programação de atividades anuais. Assim, foi possível identificar a inserção de grupos e fraternidades bolivianas na participação do carnaval na FMAL, com uma programação que incluía tanto o curso infantil quanto o desfile das fraternidades folclóricas, além das apresentações musicais e gastronomia típica. A organização ficava por conta de diferentes parcerias, entre as quais está a Associação Cultural Folclórica Bolívia Brasil (ACFBB), o governo do Estado de São Paulo, a FMAL, dentre outras.

O que pode ser evidenciado pelo rastreo e análise dos arquivos de mídia e divulgação consultados, é que a principal manifestação boliviana a qual vem ganhando força ao longo dos anos na FMAL é a devoção as Virgens de Copacabana (padroeira da Bolívia) e Urkupinã (protetora dos imigrantes), que teve seu crescimento também associado ao maior número de imigrantes na cidade. Tal crescimento ocasionou uma expansão da devoção e da manifestação, o que fez com que a mesma migrasse da Igreja de Nossa Senhora da Paz, localizado no bairro Liberdade (responsável por organizar e sediar a festa), para o espaço da FMAL localizado na Barra Funda, e fosse condensada em uma grande festa para as duas virgens. Ao pesquisar sobre o ciclo devocional mariano da comunidade boliviana, Silva (2016) descreve as tensões dessa mudança:

“A migração da festa de um espaço eclesial para outro público aconteceu em agosto de 2006. As opiniões se dividiram frente às implicações desta decisão, pois ela significava uma mudança, não só do espaço, mas dos sentidos da própria festa. Para alguns devotos a transferência significaria a “perda” do sentido religioso da festa.” Para a Pastoral poderia significar a perda do controle da festa, pois ela seria convidada apenas para realizar os ritos religiosos. Para outros, representava uma oportunidade de negócios, sobretudo, com a venda de comidas e bebidas. Para os grupos folclóricos, seria uma

oportunidade de mostrar suas danças e performances para um público mais amplo, além dos bolivianos. (Silva, 2016, p 80)

Fica evidente que as negociações simbólicas quanto as diferentes representações da festa precisaram ser estabelecidas, em decorrência da inserção da manifestação no calendário de festas do próprio equipamento cultural. Entretanto, é possível perceber que além dos arranjos devocionais presentes na sua construção, ela ganha novos elementos culturais seja pela participação dos diferentes grupos folclóricos e fraternidades (organizados pela Associação Cultural de Grupos e Conjuntos Folclóricos Bolívia/Brasil), ou mesmo pelo próprio nome dado a festa em diferentes cartazes (Fé e Cultura), incluindo ainda a essa comemoração a celebração da independência da Bolívia.

Assim, a integração não fica estabelecida apenas pelo caráter da FMAL como catalizador das diferentes “latinidades” (re)criadas, mas também pela própria heterogeneidade estabelecida pelas remodelações das diferentes manifestações que se agregaram como estratégia de visibilidade e permanência. Essas formulações podem ser relacionadas as reflexões de Canclini (1998), ao enfatizar o espaço urbano como um dos intensificadores da hibridação cultural, além do próprio processo migratório de latino-americanos, que no exemplo problematizado estão desempenhando a retomada de suas tradições e experiências, reafirmando suas identidades culturais.

### 3. Fragilidades da integração simbólica

A reflexão sobre a integração cultural e sobre a representação da latinidade no FMAL se faz importante devido ao seu pioneirismo enquanto referência matricial por suas ações, que podem ser visualizadas como “marcas” (Veschambre, 2015) culturais, enquanto instituição edificada e patrimonializada, que busca promover esse patrimônio latino. Para além de uma integração cultural, a iniciativa nos faz refletir sobre uma integração simbólica, que necessita ser sempre atravessada não apenas pelo planejamento, mas pelo equilíbrio das forças vetoriais que proporcionam o funcionamento “eficaz” de espaços culturais, bem como dos bens - materiais e imateriais - patrimonializados. Tal entendimento é baseado nas formulações de Oliveira (2012), e precisa considerar de que forma as ações dinamizam efetivamente o patrimônio enquanto bem que deve ser (re)produzido, bem como se constituem as paisagens patrimoniais que estão postas aqui enquanto fluidas, em constante fluxo, na mobilidade espacial/temporal dos sujeitos.

É necessário considerar as articulações estabelecidas, as quais funcionam como agenciadoras desse patrimônio, pois no caso da FMAL, este surge em um contexto político-social da redemocratização, onde espera-se que haja uma integração antes de tudo econômica, e posteriormente cultural, o que esbarra em diversos impedimentos, como a própria língua. Assim, mesmo que com um objetivo claro em relação a propagar a cultura latina na espera que ocorra uma espécie de difusão através do Memorial, isso acaba sendo ainda restrito do ponto de vista locacional inclusive, pois o movimento de irradiação das manifestações latinas não é reproduzido em outros estados. É claro que precisamos considerar o volume migratório para que haja uma representatividade das nacionalidades dos diferentes sujeitos, assim como ocorre com os bolivianos.

Quando procuramos esse mesmo “padrão” de propagação da identidade latina através de centros de cultura, encontramos alguns festivais culinários no Sul do país, festivais de danças folclóricas no Nordeste e na fronteira com o Paraguai, mas todas em microescala, de forma pontual. A partir disso, podemos nos perguntar até que ponto esse imaginário da identidade latina não é fabricado no Brasil, especificamente na FMAL, visto que o que se nota nos relatos e notícias é um certo afastamento de brasileiros do próprio equipamento, sendo mais ocupado por migrantes, podendo especular inclusive que os mesmos enxergam no espaço uma espécie de “lar”, que passa a ser consolidado através da memória coletiva, dos símbolos e do imaginário simbólico. Independente dos questionamentos colocados, é inegável que tais manifestações constroem paisagens culturais por

meio dos símbolos e significados atribuídos por aspectos identitários, remodelando esses lugares de memória e atribuindo-lhes mobilidade. Assim, o patrimônio, projetado longe de seus “lugares” de origem, passa a ser reproduzidos e ressignificados pelos sujeitos.

Dessa forma, é indispensável a contribuição do simbólico e da memória no processo de patrimonialização e dinamização dos lugares simbólicos, pois mais do que ações que envolvam incentivos, políticas públicas e parcerias, é necessário que os mecanismos da memória sejam pulsantes no processo de aderência e identificação por parte dos sujeitos, pois essa rememoração por meio dos rituais são os principais demarcadores de identidade. É possível notar que essa construção ultrapassa fronteiras, pois está diretamente ligada a memória coletiva dos sujeitos, a qual se faz viva e pulsante para aqueles que recriam seus ritos e manifestações no exercício da rememoração, da marca das suas identidades, o que é rico do ponto de vista da dinâmica da FMAL enquanto um lugar simbólico. Mas quando pensamos em como isso se projeta para os brasileiros, o processo de alteridade não se fortalece, a representação não é a mesma. O que nos leva mais uma vez a questionar como frágil o próprio imaginário construído do Brasil enquanto América Latina, mesmo com toda a sua importância a nível territorial, enfraquecendo os ideais de integração.

### *3.1 Latinidade e os limites da regionalidade*

A latinidade forma um fluxo de identidades, que compõe para além da ideia de estado nação a vinculação de outros grupos sociais. Porém, a demarcação das nacionalidades, em certa medida, limitou esse potencial de projeção nos congelamentos feitos por generalizações, na busca de produzir marcadores identitários que expressem claramente suas vinculações. No entanto, as novas articulações, evidenciadas por Cancline (2006) nos processos de mestiçagem, sincretismo ou hibridação, proporcionou novos contatos com povos para além da cultura latino-americana a partir do processo de globalização, o que traz alterações e novas dinâmicas aos traços culturais dessa latinidade. À vista disso, a regionalidade latina não é condensável na escala do nacional, ela é transnacional, ela foge, ela escapa, ela vence a fronteira (Oliveira, 2019).

Pensando nesse processo de projeção das latinidades em outras escalas, diante do exercício anterior com o Memorial na cidade de São Paulo, estendemos a reflexão na tentativa de pensar nas relações estabelecidas também nos níveis intranacionais, as quais estão igualmente sob influência da globalização e da modernidade. No caso do Brasil, isso molda diretamente as representações emitidas por cada uma das regiões brasileiras. Dentre estas, a mais demarcada como endógena, diante de sua representação cultural diretamente ligada ao imaginário natural da região, é a Nordeste. A região constitui historicamente toda sua organização política, econômica, social e cultural dentro dos limites condensados da representação hegemônica de pobreza e enfrentamento as adversidades, alimentadas por um determinismo socioeconômico característico da modernidade

Aqui, é possível estabelecer a relação com latinidade à medida que ambas possuem em suas representações simbólicas o estigma da pobreza, do sofrimento, buscando uma projeção bem marcada de identidades regionais (continental e intranacional), que são extremamente limitadas por sua condição socioespacial. Essa limitação não é apenas territorialmente, o que pode ou não ser entendida como latinidade, ainda mais no Brasil, está condicionado a um elemento “original”. O “selo” da latinidade no Brasil constantemente vem acompanhado de objetos, ritmos ou imagens que são iminentemente latinas, portanto, externas. As políticas brasileiras pela busca da promoção de uma latinidade no país são, de certa maneira, falseadas, à medida que propõe cristalizações em torno de patrimônios materializados, bem como restringe essa projeção em função da promoção da identidade nacional. Da mesma maneira, o nordestino frequentemente estereotipado como carente, resistente e sofredor, na modernidade também é cosmopolita, urbano e conectado. Essas conexões urbanas e virtuais mudaram as relações. Ser apenas cearense, nordestino, brasileiro, latino, é

limitador. Portanto, a base da constituição da latinidade é a capacidade de ver uma região maior extrapoladora dentro de um espaço menor (Oliveira, 2019).

Sendo assim, qual a possibilidade de visualizar latinidade numa nordestinidade, visto que ambas estão projetadas do interior para o exterior? Vale reforçar que as imagens projetadas externamente da latinidade são muito mais ibéricas, hispânicas, andinas, evidenciando um vazio do ponto de vista do patrimônio material, como discutimos anteriormente. A busca de projeções materiais no território está condicionada as proximidades territoriais fronteiriças ou ao aglomerado de imigrantes dos países vizinhos. Isso pode ser visualizado nos dados a seguir, onde é possível perceber a maior intensidade de imigrantes nas grandes capitais, onde a possibilidade de atrativos econômicos é mais forte. Isso torna estados como São Paulo e Rio de Janeiro mais expressivos quanto ao número de imigrantes, o que até certo ponto justifica a presença da FMAL em São Paulo.

De acordo com os dados do Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros -SINCRE, entre 2010 e 2017, os números de registros para imigrantes de longo termo, do total de 449.174 registros, destaca-se a concentração na Região Sudeste (54,3%), predominando os estados de São Paulo (41,3%) e do Rio de Janeiro (8,4%); bem abaixo aparece o Sul (22,7%), Centro-Oeste (8,6%), Nordeste (8,2%) e Norte (6,2%). (OLIVEIRA, 2018). Essa distribuição desigual do processo migratório no país interfere na intensidade das representações de latinidade, pelo menos em termos concretos. O que se relaciona também com o próprio processo de dispersão dos nordestinos em direção ao sudeste, na mesma busca por oportunidades.

Os dados fortalecem as justificativas da presença do FMAL na região sudeste, pois claramente é onde há um número significativo de imigrantes. De toda forma, não podemos desconsiderar a importância da potencialidade do Memorial no processo de demarcação da memória desses grupos migrantes, os quais necessitam de lugares de referência (Ricoeur, 2007) enquanto espelhos simbólicos (Horta, 2005). Os encontros festivos/rituais de equipamentos como o Memorial são fundamentais para o reforço desses espaços concretos como museus e demais equipamentos culturais enquanto lugares de memória, transcendendo a função da projeção de identidades e apresentando-se como lugares de interação social, onde a reinvenção das tradições permite a identificação dos sujeitos enquanto grupo, pela delimitação de seus símbolos, práticas, crenças e rituais que unem seus membros (Luvizotto, 2010). Porém, reforçamos novamente a irradiação limitada, na medida que enquadra-se tais manifestações enquanto “exótico consumível”, mais uma vez restringindo sua projeção nas regionalidades e fragilizando as alteridades.

Mais uma vez é necessário questionar, na ausência desses espaços ou de eventos rituais promovidos por migrante, não há latinidade? até que ponto as representações da latinidade demandam encontros rituais permanentes das nacionalidades latinas distintas?. Os processos de reconhecimento e patrimonialização dessas manifestações devem ser feitas considerando as identificações de alteridade para com os outros grupos e sujeitos (no caso, com a brasilidade), pois quando isso não é estabelecido, a manifestação ganha um caráter de espetáculo para que o outro seja expectador, mas não necessariamente se identifique. Isso também reforça a ideia de “fabricação” da latinidade no Brasil, na medida que nos comportamos como expectadores da latinidade das outras nacionalidades, sem nos incluirmos enquanto pertencentes a mesma.

Quando atribuímos essa representação cultural apenas a eventos pontuais distribuídos nos calendários festivos do Brasil, deixamos de nos apropriar dos demais mecanismos de demarcação identitária, como por exemplo a linguagem. O campo topológico pode apresentar vazios institucionais. Porém, o campo simbólico está repleto de latinidades, nomeadas das mais diferentes formas, seja nas composições musicais ou na construção de visualidades carnavalescas, pois a cultura não é condensável em cristalizações, sejam elas regionais, nacionais ou continental, e as expressões artísticas de certo modo extrapolam os enraizamentos a partir do seu processo de bricolagem.

Portanto, as reinvenções das múltiplas representações de latinidade e nordestinidade ultrapassam as delimitações e definições por meio das artes.

### 3. 2 Caminhos e possibilidades para uma translatinidade

As produções e trocas simbólicas no mundo da linguagem foram abordadas por Bakhtin (1997) no conceito de dialogismo, onde se dá a condição do sentido de um discurso, decorrente da interação verbal do “eu” e “tu” no espaço do texto. A relação pode ser estabelecida com a Geografia por algumas vias, como nas explorações de leitura da paisagem de Cosgrove (2012), por meio do sistema cultural. Os hibridismos proporcionados pela integração dos sujeitos no espaço-tempo colaboram para o fortalecimento dos centros de cultura enquanto promotores dessas paisagens que se reproduzem, renovam, e se regeneram, tal qual as sociedades (Luchiari, 2001).

Dessa forma, saindo do vazio de uma representação no plano topológico para o plano cultural simbólico da latinidade, do ponto de vista das idealizações regionais de Nordeste, de seus conceitos, valores sobre a empiria latino-americana, em termos de artistas, encontraremos uma plenitude de pensamentos e perspectivas na busca do enaltecimento de uma latinidade que transborda, que se preenche na interação e produção das artes.

“Sob essa ótica, a paisagem vai se revelar não só como intermundo, intersecção de experiências e sensações, mas também como imaginação/imaginário, como “horizonte de ser”, na perspectiva apontada por Merleau-Ponty: uma possibilidade de intersecção entre Geografia e arte. E isso abre novas perspectivas para uma geografia que também quer e pode se expressar artisticamente e esteticamente”. (Serpa, 2019, p 33)

Nessa interseção da perspectiva proposta pelo autor, podemos identificar um arquipélago simbólico de diferentes linguagens que nos ajuda a refletir sobre a alteridentidade (Oliveira, 2012) no imaginário nordestino. Tal relação pode ser vista nas representações festivas que demarcam devoções religiosas, nas teatralizações carnavalescas, bem como na produção musical que condensa múltiplas influências. Um exemplo disso pode ser visto na obra do compositor Belchior, o qual expressa suas vivências enquanto nordestino, brasileiro e latino americano:

“Eu não preciso afetar nenhuma nordestinidade, nenhuma brasilidade, nenhuma cearensidade porque isso já é natural em mim. A minha preocupação é justamente ver e pegar os elementos que estão aí a disposição dos criadores, artistas, e trabalhar com isso. Se você observar atentamente você vai ver que a minha música tem todas as minhas raízes culturais, regionais, nordestinas (Fornal de música, em 1977). Eu não quero envernizar meu folclore, eu não quero fazer o que o povo faz muito melhor do que eu. Eu defino música popular como aquela que está ao lado do povo” (Medeiros, 2017, p 55)

O recorte da entrevista acima é importante justamente por ir de encontro a obra do autor que sempre buscou trazer na sua produção reverberações enquanto latino, sua condição duplamente periférica, enquanto latino e nordestino, mas com uma clara tentativa de chamar atenção para uma identidade múltipla de sentidos, para além da subalternidade locacional imposta.

No mesmo caminho, mas com publicação mais recente, o álbum “Da Silva: el hijo de las américas”, da banda cearense *Dona Zefinha*, traz a realidade do “*Da Silva*” em seu espetáculo, que bem como o “*Rapaz Latino Americano*” de Belchior (1976), vem buscando suas devidas “independências” da realidade limitadora e esmagadora da condição social. Isso pode ser visualizado na entrevista de Orlângelo Leal, compositor, ator e dramaturgo que participou da fundação do grupo acerca das letras do espetáculo concedida a Scaliotti (2018)

“ora como aglutinador de culturas entre povos de territórios distantes e realidades parecidas, ora como chave para abertura das mentes enclausuradas nas ideologias de dominação, neste ambiente contemporâneo, pós-colonial, trazendo à tona discussões como a subsistência, a capacidade de resiliência e a expertise criadora para fugir da escravidão moderna e navegar com mais autonomia nos tortuosos caminhos da insegurança da era planetária”. (Dona Zefinha, para 8)

Mais uma vez o problema da latinidade é colocado, tanto historicamente como territorialmente, evidenciando o vazio construído nessa integração moderna, a partir das dificuldades destacadas acima como “escravidão moderna”. A fuga dessa realidade se faz possível por meio da arte criadora, plena de sonoridade e estratégias adotadas por “Da Silva” em sua fusão anunciada como “íberoafroameríndias” a dançar, cantar, e usar de todos os seus “modos de fazer” (Certeau, 1994), que fazem parte dessa latinidade, mas que não compõem o exótico consumível artístico. Na mesma direção, a banda Baiana System, de Salvador -BA, traz na sua composição musical o potencial criador para anunciar “Vamos que vamos, vou traçando vários planos / Vou seguir cantarolando pra poder contra-atacar” (Chao et al, 2019). Aqui, é anunciado sua condição de “sulamericano de Feira de Santana”, bem como Belchior com sua cearensidade, no enfretamento as limitações identitárias modernas.

Vários outros exemplos poderiam ser dados na música e em outras linguagens artísticas. No entanto, a reflexão faz parte de um esforço na busca desses elementos para um refinamento nas múltiplas expressões da arte carnavalesca, enquanto pesquisa de doutorado. O caminho busca o esboço dessa latinidade aliada a nordestinidade a partir dos vínculos artísticos, de produção cultural, composto por mesclas, que leva a chamada translatinidade, extremamente moderna e europeia, resgatando formas de comportamento para além do Brasil, seja no Nordeste ou em outros países da América Latina. Portanto, teremos versões múltiplas que produzem essa translatinidade, por meio de uma cultura que não é estruturada apenas pelo componente econômico, mas pela dinâmica cultural enquanto estrutural.

#### 4. Considerações Finais

Nas breves considerações deste ensaio, foi possível observar como as identidades coletivas e individuais desenham paisagens patrimoniais em redes de integração. Tais paisagens, por complexidade da arte popular especializada, recriam elementos identitários e de pertencimento, carregados pela resiliência cultural processos de deslocamento e ressocialização dos sujeitos migrantes. Assim, é possível colaborar com a compreensão da paisagem e do patrimônio enquanto conceitos topologicamente fluidos pela compreensão da sua dinâmica espaço-temporal, como podemos verificar no diagrama-síntese a seguir.

Podemos destacar a partir da visualização da diagramação que a paisagem patrimonial a qual nos referimos está relacionada tanto a dimensão material, com os lugares de memória, como também a dimensão imaterial, a partir das representações festivas. A interação de tais elementos, os quais perpassam conceitos como memória, identidade, hibridismos culturais, patrimônio, conceitos abordados ao longo desse texto, corroboram na análise dessa paisagem latina que se projeta pelo Brasil. Tal projeção, em certa medida, é falseada diante das estratégias político-culturais que as utilizam enquanto discurso diante de necessidades pontuais.

Figura 2: Diagrama síntese conceitual



Fonte: Acervo do autor, 2019.

Essa construção de múltiplas paisagens é atravessada por fluxos culturais e patrimoniais que encontram na mobilidade a (re)construção/demarcção das identidades, delineadas tanto na materialidade como na imaterialidade do espaço/tempo, a partir da construção de lugares simbólicos que se constituem como espelhos simbólicos da memória patrimonial imigrante. Entretanto, é importante considerarmos que mais que as estruturas, são as próprias organizações e associações que dão a dinamicidade e possibilitam essa maior integração pelas manifestações, diante da própria burocratização dos equipamentos enquanto bens públicos, e no caso da FMAL, patrimonializado institucionalmente. Isso demonstra a necessidade constante de fortalecimento dos vínculos entre organizações das diferentes nacionalidades, o poder público e demais organizações para que essas “representações” da latinidade ocorram de forma mais fluida e contínua, quebrando as amarras de uma latinidade fabricada em ações pontuais temporal e espacialmente.

Enquanto possibilidade, podemos esboçar essa latinidade nos vínculos artísticos, de produção cultural, mas centrados aqui na produção musical, o qual vem acompanhado por combinações e (re)arranjos, que nos leva a chamada translatinidade. Apesar da distância topológica e simbólica da região Nordeste com a representação de latinidade nacional, é preciso evidenciá-la enquanto fonte de múltiplas interdependências e interações com a ideia de autenticidade. De todas as regiões, a que se reivindica mais brasileira é o Nordeste. Tanto nos aspectos naturais, como migratórias, culturais, e débitos de desigualdades, transbordando Nordeste para o restante do Brasil. Ele transborda também usando latinidade, mas não nomeando assim.

### Referências Bibliográficas

BRAIT, Beth. (1997) Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

BELCHIOR (1976). Apenas um rapaz Latino americano. [Disco] Fortaleza: Polygram.

CANCLINI, N. G. (1998). Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp.

CHAO, J. M. T. A; SANTANA, M. M; BARRETO, R. D. B; CARVALHO, R. de C. (2019). Sulamericano. [CD] Salvador: BaianaSystem.

CERTEAU, M. de. (1994) A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes.

DUNCAN, J. S. Paisagem Como Sistema de Criação de Signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (org). Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. p. 91-132.

FERES JR. J. (2003) Latin America como conceito: a constituição de um outro americano. Revista Teoria e sociedade UFMG, Minas Gerais, nº 11, julho - dezembro.

HIERNAUX, D. N. (2006). Identidades Móviles o Movilidad Sin Identidad? In: LEMOS, A. I. G. de; SILVEIRA, M. L.; ARROYO, M. (orgs.). Questões territoriais na América Latina. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: USP.

HORTA, M. de L. P. (2005). Os lugares da memória In: Memória, patrimônio e identidade. (PGM 1 – A MEMÓRIA). Ministério da Educação. Salto para o futuro – TV Escola. Boletim 04, Abril.

LEMOS, A. I. G. América latina: a procura de uma Geografia Mestiça. In: LEMOS, A. I. G. de; SILVEIRA, M. L.; ARROYO, M. (orgs.). Questões territoriais na América Latina. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: USP.

MARTINS, T. S. (2016). A recorrência do excepcional: discursos sobre cultura popular e identidade latino-americana no pavilhão da criatividade. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MEDEIROS, J. (2017). Belchior apenas um rapaz latino-americano. São Paulo, Editora Todavia.

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA (1990). Coordenação Maureen Bisilliat; texto Eric Neponuceno et al. São Paulo: Empresa das Artes.

OLIVEIRA, C. D. M. de. (2012). Caminhos da festa ao patrimônio geoeeducacional. 1. ed. Fortaleza: EDUFC.

OLIVEIRA, G. C. de. (2014). A segunda geração de latino-americanos na cidade de São Paulo: a questão do idioma. REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Urbana, Brasília, Ano XXII, n. 42, p. 213-230, jan./jun.

QUENTAL, P. A. (2012) A latinidade do conceito de América Latina. GEOgraphia - Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27. ISSN 2674-812 Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13634>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

RIBEIRO, D. (1990). América Latina: Chegou a hora da nossa identidade. In: Memorial da América Latina / Coordenação Maureen Bisilliat; texto Eric Neponuceno et al. São Paulo: Empresa das Artes.

RIBEIRO, D. (2010) A América Latina Existe?. Rio de Janeiro, Fundação Darcy Ribeiro: Brasília - DF. Editora UNB.

RICOEUR, P. (2007) A memória, a história, o esquecimento. Tradução Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp.

SCALIOTTI, O. (2018, 3 de setembro) Dona Zefinha lança álbum "Da Silva: El Hijo de Las Américas" em show dia 16 de setembro no Anfiteatro do Dragão do Mar. Tribuna do Ceará - Fortaleza. Recuperado a partir de: <https://tribunadoceara.com.br/blogs/investe-ce/2018/09/03/dona-zefinha-lanca-album-da-silva-el-hijo-de-las-americas-em-show-dia-16-de-setembro-no-anfiteatro-do-dragao-do-mar/>

SERPA, A. (2019) Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto.

SILVA, S. A. (2016). Festas e tradições bolivianas na metrópole: o caso das devoções marianas. Revista Domínios da Imagem. Londrina, v.12, n.18, p.67-85, jan-jul/2016

SOUZA, N. A. de. (2012) América Latina: as ondas da integração. Revista Oikos, vol. 11, n. 1. Rio de Janeiro. P. 87-126.

TURGEON, L. (2014). Do material ao imaterial: novos desafios, novas questões. Fortaleza: Revista Geosaberes, vol. 5, nº 1.

VESCHAMBRE, V. (2015) Em torno do patrimônio e da memória: questões de apropriação e de marcação do espaço. Geosaberes, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 51-58, fev. 2015. ISSN 2178-0463. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/294>>. Acesso em: 30 abr. 2020.



Esta obra se encuentra bajo Licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0. Internacional. Reconocimiento - Permite copiar, distribuir, exhibir y representar la obra y hacer obras derivadas siempre y cuando reconozca y cite al autor original. No Comercial – Esta obra no puede ser utilizada con fines comerciales, a menos que se obtenga el permiso.